ISSN: 2358-8829

ARTE COMO EXPERIÊNCIA SENSORIAL E SIMBÓLICA NO DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO E DA EXPRESSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Edvaldo Ribeiro da Cruz [1]
Sara Fabiana da Silva Lopes [2]
Simone Varela [3]

INTRODUÇÃO

A arte está presente na vida humana desde os primeiros tempos e constitui uma importante forma de expressão, comunicação e construção de sentidos. No contexto educacional, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o contato com diferentes linguagens artísticas pode contribuir significativamente para o desenvolvimento integral das crianças. Por meio da arte, a criança tem a oportunidade de experimentar, criar, imaginar, expressar sentimentos e estabelecer relações com o mundo ao seu redor.

Nesse sentido, pensar a arte na escola significa compreender que as experiências artísticas não devem estar restritas à realização de atividades previamente determinadas ou à reprodução de modelos. É necessário proporcionar às crianças situações em que possam explorar materiais, sons, movimentos, formas e diferentes possibilidades de expressão. A criança precisa encontrar na escola um espaço no qual sua criatividade seja valorizada e no qual possa desenvolver sua própria maneira de representar aquilo que vivencia.

O presente artigo tem como objetivo relatar e refletir sobre experiências pedagógicas desenvolvidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), na Escola Estadual Rotary, localizada em Maceió/AL. As experiências foram desenvolvidas tendo como eixo a arte

[1] Graduando do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, erc4@aluno.ifal.edu.br;
[2] Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, sfsl3@aluno.ifal.edu.br;
[3] Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL Campus Maceió, simone.varela@ifal.edu.br.

como experiência sensorial e simbólica no desenvolvimento da imaginação e da expressão das crianças.

A proposta partiu da compreensão de que a arte constitui uma experiência viva e significativa para a infância. Foram desenvolvidas atividades envolvendo a exploração dos sons e das formas, a percepção auditiva e sensorial, a modelagem com argila, a improvisação afetiva e o teatro. Essas experiências buscaram possibilitar às crianças diferentes formas de experimentar e expressar suas ideias, sentimentos e percepções.

A escolha dessas linguagens artísticas também esteve relacionada à necessidade de proporcionar experiências que envolvessem diferentes dimensões do desenvolvimento infantil. Enquanto a exploração sonora estimulou a percepção e a escuta, a modelagem possibilitou o contato com diferentes texturas e o desenvolvimento da coordenação motora. A improvisação e o teatro, por sua vez, favoreceram a expressão corporal, a oralidade, a imaginação e a interação entre as crianças.

O trabalho fundamenta-se nas contribuições de John Dewey (2010), R. Murray Schafer (2011), Lev Vygotsky (1998, 2009), Nise da Silveira (2015) e Augusto Boal (2007). Esses autores possibilitam compreender a arte a partir de diferentes perspectivas, considerando a experiência, a percepção, a imaginação, a expressão simbólica, a criatividade e a participação como elementos importantes no processo educativo.

Dessa maneira, busca-se discutir como as experiências artísticas desenvolvidas no ambiente escolar podem contribuir para que as crianças ampliem sua consciência sobre os sons e as formas, desenvolvam a coordenação motora e a criatividade, expressem sentimentos e fortaleçam vínculos e autoestima.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, estruturada sob a forma de um relato de experiência pedagógica, desenvolvido no contexto das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid/Ifal) na Escola Estadual Rotary, localizada no município de Maceió/AL.

A opção pela abordagem qualitativa justifica-se por sua adequação ao estudo de fenômenos educacionais e subjetivos, permitindo apreender os significados, valores, representações e processos de interação que emergem no cotidiano escolar (Minayo, 2012; Bogdan; Biklen, 1994). De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa

qualitativa em educação privilegia o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento principal, direcionando o olhar mais para os processos de aprendizagem e criação do que exclusivamente para os produtos finais.

A escolha pelo relato de experiência fundamenta-se na perspectiva da prática reflexiva na formação docente e na produção de saberes a partir do fazer pedagógico (Severino, 2016; Franco, 2005). Segundo Severino (2016), o relato de experiência não se limita à mera descrição de eventos, mas constitui um exercício analítico e reconstrutivo em que os sujeitos da prática sistematizam suas vivências, correlacionando a ação concreta aos marcos teóricos que a fundamentam. No âmbito da iniciação à docência, essa modalidade favorece a reflexão crítica sobre os caminhos metodológicos adotados e seus impactos no desenvolvimento infantil.

Para a realização das atividades e a construção dos dados reflexivos, adotou-se a observação participante acompanhada pelo registro sistemático em diários de campo e documentação pedagógica (registros fotográficos das produções e anotações das falas das crianças), conforme orienta Gil (2019). A observação participante permitiu que os bolsistas atuassem concomitantemente como mediadores das oficinas e observadores dos processos de participação, interação, criação e expressão manifestados pelas crianças durante as vivências artísticas.

As propostas pedagógicas foram planejadas considerando a arte como experiência sensorial e simbólica, organizando-se em três eixos estruturantes de intervenção articulados de forma integrada. No primeiro eixo, voltado à percepção e escuta sonora, buscou-se proporcionar às crianças experiências de escuta atenta dos sons presentes em seu cotidiano e no ambiente escolar, estimulando a atenção auditiva e a discriminação sonora para que identificassem os sons, refletissem sobre suas origens e os relacionassem às suas vivências afetivas e sociais. No segundo eixo, focado na experiência sensorial e construção simbólica por meio da modelagem com argila, desenvolveu-se a exploração tridimensional com a matéria-prima, possibilitando o contato tátil direto, a vivência de diferentes texturas e a transformação do material conforme a imaginação das crianças; essa proposta, além de favorecer o desenvolvimento da motricidade fina e do esquema corporal, estimulou a construção simbólica e a materialização de sentimentos, narrativas e pensamentos. Por fim, no terceiro eixo, dedicado à expressão corporal, improvisação afetiva e linguagem teatral, realizaram-se vivências de jogos teatrais e improvisação, nas quais os estudantes foram incentivados a utilizar o corpo, a voz, a oralidade e o

ISSN: 2358-8829

pensamento fabular para criar personagens, enredos e situações hipotéticas, priorizando a espontaneidade, o acolhimento afetivo e a construção coletiva.

A análise e interpretação das experiências basearam-se na reflexão qualitativa sobre o material registrado nos diários de campo e nas manifestações das crianças (verbais, corporais e plásticas). A partir da articulação entre a prática vivenciada e a literatura de suporte, buscou-se compreender como a mediação pelas linguagens artísticas impulsionou o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da sociabilidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da arte como experiência constitui um dos fundamentos deste trabalho. John Dewey (2010), filósofo, psicólogo e educador norte-americano, é considerado um dos principais representantes da Escola Nova e do pragmatismo na educação – segmento que valorizou a experiência prática e a participação ativa do estudante no processo de aprendizagem. Para Dewey (2010), a experiência estética não está separada da vida cotidiana, mas resulta das relações estabelecidas entre o sujeito e o ambiente. A partir dessa perspectiva, a arte na escola pode ser compreendida como uma experiência que envolve a criança de maneira integral. Ao entrar em contato com diferentes materiais e linguagens, a criança não apenas realiza uma atividade, mas vivencia um processo de percepção, experimentação e criação.

A experiência artística permite que a criança participe ativamente da construção do conhecimento. Ao tocar um material, observar uma forma, ouvir um som ou representar determinada situação, ela estabelece relações entre aquilo que já conhece e aquilo que está descobrindo. Nesse sentido, o ensino de arte precisa considerar o processo e não apenas o produto final. Uma produção infantil não deve ser avaliada somente pela aparência ou pela semelhança com um modelo, mas principalmente pelas experiências que a criança vivenciou durante sua construção. A arte, portanto, pode contribuir para uma educação que valorize a curiosidade, a experimentação e a criatividade.

A exploração dos sons constitui outra importante possibilidade pedagógica nos anos iniciais. O cotidiano das crianças é marcado por diferentes manifestações sonoras, que muitas vezes passam despercebidas. R. Murray Schafer (2011) foi um compositor,

ISSN: 2358-8829

escritor, educador musical e pesquisador canadense, reconhecido por suas contribuições à educação musical e à ecologia acústica. No campo educacional, destaca-se pelo foco na escuta, na percepção sonora e na paisagem sonora, tendo em sua obra O Ouvido Pensante uma referência fundamental. Suas contribuições ajudam a compreender a importância de desenvolver uma escuta consciente. A paisagem sonora de um ambiente é formada pelos sons que nele estão presentes, e a criança pode ser estimulada a perceber, identificar e refletir sobre esses sons.

Na escola, atividades de escuta podem contribuir para o desenvolvimento da atenção e da percepção. Ao ouvir atentamente, a criança pode identificar diferenças entre os sons, perceber sua origem e estabelecer relações com situações vivenciadas. A experiência sonora também pode estimular a imaginação: um som pode despertar uma lembrança, provocar uma imagem ou inspirar um movimento. Dessa maneira, a escuta pode tornar-se ponto de partida para outras experiências artísticas. A exploração sonora realizada no trabalho possibilitou às crianças perceberem que os sons fazem parte do ambiente e que podem ser utilizados como elementos para a criação.

Por fim, a imaginação ocupa papel central no desenvolvimento infantil. Para Lev Vygotsky (1998, 2009), a atividade imaginativa está relacionada às experiências culturais e sociais vivenciadas pelas crianças. Sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, que destaca a centralidade da interação social, da linguagem e da cultura no desenvolvimento da criança, os materiais artísticos e artesanais atuam como instrumentos de mediação cultural. Eles evidenciam que os estudantes desenvolvem novas habilidades sociais e conceituais ao transformar a natureza e colaborar com os colegas. Ao brincar, desenhar, modelar ou dramatizar, a criança reorganiza elementos de suas experiências e cria novas possibilidades. A imaginação permite transformar aquilo que já existe em algo novo. A modelagem com argila é um exemplo dessa possibilidade: a criança recebe um material sem uma forma previamente determinada e pode transformá-lo de acordo com suas ideias.

Nesse processo, a produção pode adquirir significados relacionados às experiências e aos sentimentos da criança. O objeto produzido não precisa ser interpretado apenas pelo adulto, pois a própria criança pode explicar aquilo que criou e o significado atribuído à sua produção. As contribuições de Nise da Silveira (2015) também ajudam a compreender a importância da expressão simbólica por meio das produções artísticas. Embora não tenha sido uma teórica específica da educação, a médica psiquiatra revolucionou o trabalho terapêutico nos anos 1940 e fundou, em 1952, o Museu de

ISSN: 2358-8829

Imagens do Inconsciente, valorizando a arte como forma de manifestação dos sentimentos, da criatividade e do mundo interior. Suas ideias sobre livre expressão, afetividade e experiência sensorial – como o desenho, a pintura e a modelagem com argila respeitando a imaginação da criança – oferecem importantes inspirações para as práticas pedagógicas. A arte pode constituir uma forma de manifestação de conteúdos e experiências que nem sempre são facilmente expressos pela linguagem verbal. No contexto escolar, valorizar a produção simbólica significa reconhecer que a criança possui diferentes formas de comunicar aquilo que pensa e sente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências realizadas demonstraram diferentes possibilidades de contribuição da arte para o desenvolvimento infantil. Ao participar das atividades, as crianças tiveram contato com situações que envolveram percepção, movimento, imaginação, criatividade e expressão.

No que tange aos sons e às formas, as experiências possibilitaram que as crianças direcionassem maior atenção para aquilo que normalmente faz parte de seu cotidiano. A escuta passou a ser compreendida como uma ação que exige atenção e percepção. As crianças foram estimuladas a reconhecer diferentes sons e relacioná-los com elementos presentes no ambiente. Esse processo contribuiu para ampliar a consciência sonora e demonstrou que a educação artística pode partir de elementos simples e presentes no cotidiano. A exploração das formas também permitiu que as crianças observassem diferentes características dos objetos e estabelecessem relações entre formas e representações. Essas experiências mostraram que a arte não está limitada a materiais tradicionalmente utilizados em atividades escolares, uma vez que sons, movimentos, objetos e elementos do cotidiano constituem ricos materiais para a criação.

A modelagem com argila foi uma das experiências que mais diretamente envolveu a dimensão sensorial. O contato das mãos com o material possibilitou perceber sua textura, consistência e maleabilidade. Ao manipular a argila, as crianças realizaram diferentes movimentos com as mãos e os dedos, contribuindo para o desenvolvimento da coordenação motora. Entretanto, a experiência ultrapassou a dimensão motora: cada criança pôde criar formas próprias, utilizando a imaginação para transformar o material.

A modelagem possibilitou que sentimentos e ideias fossem materializados por meio da criação, transformando um material simples em uma representação carregada de significado. Essa experiência evidencia a importância de oferecer materiais que permitam a experimentação e não apresentem uma única possibilidade de utilização.

A improvisação afetiva possibilitou que as crianças experimentassem diferentes formas de expressão. Por meio de situações abertas, foram estimuladas a utilizar a oralidade, o corpo e a imaginação. A atividade favoreceu a espontaneidade e a participação, permitindo respostas variadas para as situações propostas e demonstrando a diversidade da criatividade infantil. A dimensão afetiva esteve presente nas relações estabelecidas e a possibilidade de expressar-se em um ambiente acolhedor contribuiu para fortalecer a confiança das crianças. Nesse sentido, a arte contribui para o desenvolvimento da autoestima, pois permite que a criança perceba que suas ideias possuem valor e podem ser compartilhadas.

O teatro e o faz de conta possibilitaram experiências relacionadas à imaginação, à oralidade e à expressão corporal. As crianças puderam representar personagens e situações, criando narrativas e interagindo com os colegas. A atividade favoreceu a construção coletiva e possibilitou diferentes formas de participação. Boal (2007), conhecido por criar o Teatro do Oprimido na década de 1970, contribui para a educação ao demonstrar que o teatro e os jogos teatrais estimulam a imaginação, a criatividade, a expressão corporal, a oralidade e a convivência. Por meio de brincadeiras e dramatizações, as crianças expressam sentimentos, compartilham ideias e aprendem a respeitar as diferenças. As contribuições de Boal (2007) permitem compreender o teatro como uma prática que favorece a participação ativa dos sujeitos, pensado no contexto escolar não apenas como apresentação final, mas como um processo contínuo de criação. O faz de conta também contribuiu para fortalecer os vínculos: ao compartilhar personagens, histórias e situações imaginárias, as crianças precisaram ouvir umas às outras, negociar ideias e construir coletivamente as cenas.

Deste modo, as experiências analisadas demonstram que a arte contribui para o desenvolvimento integral da criança em múltiplas dimensões. No aspecto motor, atividades como a modelagem favoreceram movimentos de precisão e coordenação das mãos e dos dedos. No aspecto cognitivo, as atividades estimularam a atenção, a percepção, a imaginação e a criação. No aspecto afetivo, a improvisação e o teatro proporcionaram situações de expressão de sentimentos e fortalecimento da autoestima.

ISSN: 2358-8829

No aspecto social, as atividades coletivas favoreceram a interação, a cooperação e a construção de vínculos. Essas dimensões atuam de forma integrada: durante uma única atividade, a criança pode movimentar-se, imaginar, expressar sentimentos, interagir com colegas e construir conhecimentos.

Por fim, a experiência desenvolvida apresentou grande relevância para a formação dos bolsistas do Pibid/Ifal. A presença no espaço escolar possibilitou aproximar os conhecimentos construídos na formação acadêmica das situações concretas da prática pedagógica. Planejar e desenvolver atividades com crianças exige observar suas características, compreender suas necessidades e adaptar as propostas, demonstrando que o planejamento não deve ser algo rígido. A formação docente ocorre também por meio da reflexão sobre a prática, permitindo compreender que ensinar arte significa criar oportunidades para que as crianças experimentem, criem e se expressem. O Pibid/Ifal contribuiu, assim, para uma formação sensível e próxima da realidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas no âmbito do Pibid/Ifal, na Escola Estadual Rotary, demonstraram que a arte pode constituir uma importante experiência sensorial e simbólica para o desenvolvimento das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

A exploração dos sons e das formas possibilitou ampliar a percepção e a consciência sonora. A modelagem com argila proporcionou experiências sensoriais e contribuiu para o desenvolvimento da coordenação motora e da criatividade. A improvisação afetiva e o teatro favoreceram a expressão corporal, a oralidade, a imaginação e as relações entre as crianças.

As experiências também demonstraram que a arte pode contribuir para a expressão de sentimentos e para o fortalecimento da autoestima. Ao criar e compartilhar suas produções, as crianças puderam reconhecer suas próprias capacidades e perceber que suas formas de expressão possuem valor. A fundamentação em Dewey (2010), Schafer (2011), Vygotsky (1998, 2009), Silveira (2015) e Boal (2007) possibilitou compreender a arte como uma experiência que envolve diferentes dimensões do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, o ensino de arte nos anos iniciais precisa valorizar o processo criativo e oferecer às crianças oportunidades de experimentar diferentes materiais, linguagens e formas de expressão. A experiência também foi significativa para a formação dos bolsistas do Pibid/Ifal, pois possibilitou compreender a relação entre teoria e prática e refletir sobre o papel do professor como mediador das experiências de aprendizagem.

Conclui-se, portanto, que o contato com diferentes linguagens artísticas pode favorecer o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da percepção, da coordenação motora, da oralidade e da expressão subjetiva. A arte possibilita que a criança se reconheça como sujeito ativo e autora de sua própria história.

Palavras-chave: Arte-educação; Experiência sensorial; Imaginação infantil; Pibid/Ifal.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de um esforço coletivo e, por isso, a gratidão a todos que contribuíram para sua realização. Em especial, agradecemos à Professora Simone Varela, por seu apoio constante e por orientar na condução deste projeto. Nosso reconhecimento se estende à banca avaliadora, por suas valiosas contribuições e análises. Agradecemos também à Escola Estadual Rotary, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por fomentarem e tornarem essa experiência possível e significativa.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BOGDAN, Robert Charles.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANCO, Maria Amélia Sant'Oro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A imaginação e a arte na infância**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.